PARDI. M. Lucia Franco. Frentes de Expansão. Seu Potencial e Impacto Sobre o Patrimônio Arqueológico – O Caso da Amazônia Mato-grossense e a Partir de um Reconhecimento de 14 "CR/IPHAN". Coleção Arqueologia. Porto Alegre, EDIPUCRS, nº 1, v.l, p. 289-306, 1995-96.

FRENTES DE EXPANSÃO. SEU POTENCIAL E IMPACTO SOBRE O PATRIMÔMO ARQUEOLÓGICO - O CASO DA AMAZÔNIA MATOGROSSENCE E A PARTIR DE UM RECONHECIMENTO DE 14 CR/IPHAN

PARDI, Maria Lucia Franco

Freqüentemente a representação regional do Mato Grosso recebe informações sobre descobertas fortuitas de sítios arqueológicos na região de Alta Floresta e nas áreas indígenas do Rio Teles Pires, assim como informações sobre sítios destruídos, abundância de colecionadores particulares, comércio e extravio de peças arqueológicas e paleontológicas. Finalmente, a partir de uma ação da 14° CR/IPHAN e apoio da Administração Regional de Cuiabá da FUNAI, da Prefeitura Municipal da Alta Floresta e dos grupos indígenas Kayaby e Mundurucu, pudemos efetuar um reconhecimento de quinze dias, que apesar de expedito, nos forneceu uma apreciação sobre o potencial arqueológico e o impacto ao qual está sujeito, viabilizando a formulação das primeiras diretrizes para a preservação do patrimônio da região.

As informações da FUNAI provêm do "Pontal" área da confluência dos rios Tapajós, Juruema e Teles Pires, divisa entre os estados do Mato Grosso, Pará e Amazonas. A Frente de Contato Madeirinha mantém uma equipe em campo buscando localizar índios isolados e no desenvolvimento dessas atividades se deparam com inúmeros sítios arqueológicos.

As informações de Alta Floresta são fruto da exploração econômica de uma cidade com apenas 19 anos, fundada em 1976 por Ariosto da Riva através de um projeto particular da Colonizadora INDECO (Integração Desenvolvimento e Colonização) para ser um pólo agrícola. Entretanto a descoberta de ouro e diamantes provocou um surto minerador que só mais recentemente deu lugar à agricultura na economia do Município. A região produz cacau, café, milho e soja, explora madeira e especula com a terra, possuindo atualmente 80 mil habitantes, metade na área rural.

Nosso trabalho de campo se iniciou na área de Alta Floresta, contando também com Cláudio Conte, Diretor da 18° SRII/ IPHAN - MT e Josimar Rodrigues da Silva escultor e professor da Secretaria da Cultura. Foram percorridos os arredores da cidade, o sítio do Sr. Pedro Grade, as comunidades Nova Alvorada e Treze de Maio e verificadas duas informações em Paranaíta. Contatamos e registramos mais de uma centena de peças que estão sob a guarda provisória de particulares, assessoramos a prefeitura, fornecemos esclarecimentos à mídia local e nos reunimos com mais de 20 diretores de escola e professores. Em síntese, diagnosticamos a presença e a expressividade desta rica herança cultural, transmitindo orientações concretas sobre os

procedimentos a serem adotados e sensibilizando-se sobre a necessidade de realizar trabalhos de educação patrimonial e de fomentar a preservação e a pesquisa.

A segunda etapa de campo contou com o chefe da Frente de Contato Madeirinha Jorge L. Marafiga, o chefe do Posto indígena Kayaby, Clóvis Nunes e os índios Jorge Paleci e José Kayaby, além do apoio de outros integrantes dos grupos indígenas e da equipe da FUNAI. Embarcamos no Porto do Meio no Rio São Benedito (PA) e descemos pelo Teles Pires até a colocação de Terra Preta, quase no Pontal.



Além de atender às responsabilidades legais perante a Constituição e a Lei 3924/61, em um estado que não possui instituições de pesquisa e profissionais habilitados, nossos objetivos, dando continuidade à política implantada p/o gerenciamento do patrimônio arqueológico do estado, (PARDI, 94) se atinham à avaliação do potencial arqueológico da região. Necessitávamos nos intimizar com este último grande compartimento topogeográfico do estado e com os processos destrutivos de uma frente de expansão cujas características atípicas propiciam o equacionamento de uma nova vertente na política de preservação.

A estratégia utilizada foi a de tentar dar atendimento ao maior número de ocorrências possível, usando o critério da diversidade, buscando conhecer diferentes tipos de sítios, nas diversas áreas, através de informação oral, e dos indicadores de padrão de assentamento (na Amazônia, a terra prêta); Os registros foram efetuados com coleta amostral comprobatória, visando à diversidade de tipos. Procedeu-se ainda à observação dos perfis naturais, sem a realização de escavações. A localização dos sítios foi aferida através de um geoposicionamento global à satélite (GPS), que se mostrou excelente auxílio para navegação e planejamento. Em todos contatos pessoais efetuados para se obter informações fornecemos esclarecimentos sobre nossos objetivos e procedimentos, inclusive garantindo a vistoria do material coletado. Esta ação se faz necessária principalmente em região de grandes riquezas minerais e acentuado nível de diferenças e conflitos sócio-culturais.

A REGIÃO DE ALTA FLORESTA E SEUS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

O ambiente amazônico é sobejamente conhecido dispensando maiores explanações, sendo que a geologia da região pode ser definida como dominada por rochas arqueanas do Complexo Xingú, recobertas em parte por vulcanitos proterozoicos

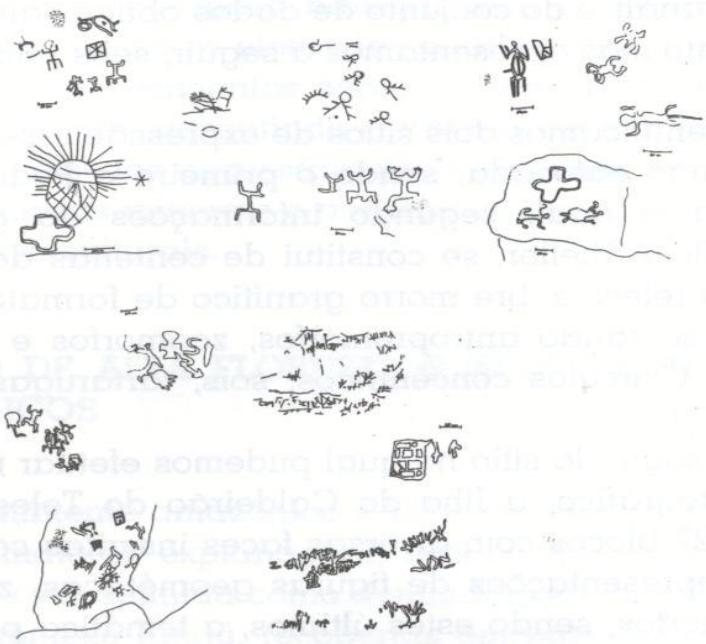
do Grupo Iriri. Estes ocorrem em faixa alongada, margeando o graben do Cachimbo. Ambos os conjuntos alojam corpos intrusivos caracterizados por rochas graníticas com significativa presença de xenólitos, (VEIGA, 88).

Os trabalhos na área resultaram no registro de 20 sítios arqueológicos nos municípios Alta Floresta, Apiacás e Jacareacanga além de outros na margem paraense do Rio Teles Pires. No total representam dois registros de representações rupestres, quinze de sítios cerâmicos e dois contendo material e/ou vestígios de fabricação de artefatos líticos polidos. Foram ainda vistoriados locais não passíveis de ocupação como a caverna calcária do Morro do Jabutí e outros cujo rápido exame não revelaram vestígios arqueológicos (provavelmente por já terem sido destruídos, como a Pedra do Índio). Vistoriamos também diversas balsas de garimpo de ouro e outros flutuantes que possuem material resgatado do fundo do rio.

A análise do conjunto de dados obtidos ainda está em andamento, mas apresentamos a seguir, seus primeiros resultados.

Identificamos dois sítios de expressão rupestre, um em cada região enfocada, sendo o primeiro a Pedra Preta em Paranaita o qual, segundo informações do geólogo da UFMT. Elcio Sheller se constitui de centenas de gravações em baixo relevo sobre morro granítico de formato semicircular, representando antropromorfos, zoomorfos e sinais geométricas. ("círculos concêntricos, sóis, tartarugas, macacos, espirais...").

O segundo sítio no qual pudemos efetuar um levantamento fotográfico, a Ilha do Caldeirão do Teles Pires com mais de 27 blocos com diversas faces inscritas com petróglifos em representações de figuras geométricas, zoomorfos e antropomorfos, sendo estes últimos, a temática predominante. Observa-se nitidamente a existência de duas técnicas de confecção que correspondem a dois estilos diferentes; o primeiro picotado em traços largos, homogêneo em dimensões e temática, o segundo raspado, com sulcos finos em menor número de representações. O segundo estilo está em melhor estado de conservação, quer por se ter fragilizado menos a rocha suporte, quer por darem a impressão de serem mais recentes. Esta hipótese é corroborada pela maior estilização do traço e pela localização espacial de seus painéis, periféricos, em relação ao do 1º estilo que ocupa as áreas centrais e mais propícias da rocha suporte.



Reprodução de alguns painéis dos blocos de pedra do sitio Caldeirão do Teles Pires"- MT

Registramos as formas em função da raridade deste tipo de informações na Amazônia e apesar da superficialidade da abordagem, podemos registrar que estes vestígios ampliam os limites discutidos por WUST para sua distribuição no Matogrosso. A autora identifica a bacia do Rio Vermelho como área da fronteira entre as duas técnicas pictográficas como as tradições de pintura concentrando-se na área ao norte de Cuiabá, direção ao Rio das Mortes, até os contrafortes da Depressão do Pantanal. E um estilo de gravuras, com variações temporais e regionais em ampla distribuição espacial, ocorrendo desde a área do Xingú e Araguaia até os rios Guaporé, Paraguai e Itiquira do Sul (WUST, 1990). Agora, também para o Norte até o Teles Pires.

Os resultados corroboram também com as reflexões de PROUS sobre a área para a proposição de uma Tradição Amazônica, com contribuição de colegas de Venezuela e Guianas. Caracteriza-se por representações antropomorfas extremamente simétricas e bastante geometrizadas com figuras gravadas nas cachoeiras, únicos locais onde a pedra aflora e na sua maioria são anualmente cobertas pelas enchentes, já com exemplares no Rio Tapajós. Os demais vestígios, podem, talvez, se relacionar à Facies itacoatiara da Tradição Geométrica Central, na medida em que se afastam tematicamente da anterior, com painéis de sinais simples, formados por bastonetes paralelos e secantes, gravações curvilineares complexas e gravações zoomorfas, conforme fotos e relatos referentes às manifestações inclusive do sítio Pedra Prêta.

Todos os sítios cerâmicos são a céu aberto e na sua maioria bastante extensos, como o Pasto do Polaco cujo usuário estima ter uma distribuição de material em área aproximada de 5 alqueires. Os primeiros dados sobre morfologia nos vem do sítio Primeira Ponte que apresenta uma grande mancha circular e pelo menos outros doze

sítios com presença de terra prêta. As coletas de 6 a 59 fragmentos cerâmicos (para um sítio cujos cacos já estavam amontoados) forneceram um total de 320 peças. Reafirma-se que o objetivo do trabalho desenvolvido, voltado ao conhecimento da área e cadastramento de seus vestígios, não levou a uma pesquisa mais aprofundada dos sítios que resultam inclusive na obtenção de coleções mais expressivas e com controle. Estas peças são suficientes, entretanto para indicar o potencial arqueológico da região e fornecer um primeiro quadro, ainda que bastante preliminar, dos problemas de investigação que a área apresenta.

Os 15 sítios cerâmicos identificados não constituem um todo homogêneo. As características do material associado levam a uma primeira divisão em 4 grandes categorias, cujas principais características fornecemos a seguir:

Categoria 1

Abrange 5 sítios (Pasto do Polaco, Venda do Clidão, Paiada, Taio e Colocação do Vigário) reunindo um total de 119 fragmentos cerâmicos e 2 artefatos polidos. Embora suas indústrias apresentam características semelhantes é possível que correspondam a ocupações diversas tanto no tempo como no espaço, uma vez que os sítios se localizam a grandes distâncias, chegando a centenas de kilômetros. As características tecnológicas da cerâmica são: antiplástico mineral, espessura das paredes variando de 0,4 a 1.6 cm (média de 0,7cm) queima variando da incompleta com presença de núcleos escuros à completa de coloração pardo/ cinza, e alisamento de superfície interna e externa. As bordas indicam a presença de vasilhames de contorno simples com formas diretas e infletidas globulares e semiglobulares. As formas variam entre convexas (mais frequentes) e planas. A decoração se resume a um fragmento no sítio Venda do Clidão, com incisões serrunguladas na superfície externa e 1 borda com pequena orelha no sítio Paiada.

As duas peças polidas são provenientes do sítio Pasto do Polaco, sendo um fragmento de batedor e 1 fragmento de peça não identificada.

Categoria 2

Reúne dois sítios, em Bom Futuro e Terra Prêta e uma coleção total de 49 fragmentos cerâmicos e um artefato polido. As características tecnológicas da cerâmica são: antiplástico cariapé (com raro caco moído em Bom Futuro), espessura de parede entre 0,5 e 1,4 cm (média de 0,8 cm), queima variando entre completa e incompleta alisamento de superfície interno e externo. Fragmentos de borda e base foram coletados apenas em Bom Futuro entre diretas e infletidas, podem apresentar reforço interno e ponto de inflexão interno. Sugerem formas abertas e fechadas, entre tigelas e formas globulares. Uma borda possivelmente corresponde a vasilhame com gargalo. As 2 bases coletadas são planas. A decoração se resume a 1 borda com incisões cruzadas.

A peça polida foi coletada no sítio Terra Preta. Provavelmente foi feita com rocha ferruginosa, sendo bastante pesada e de coloração avermelhada. Sugere tratar-se de um fragmento de prato.

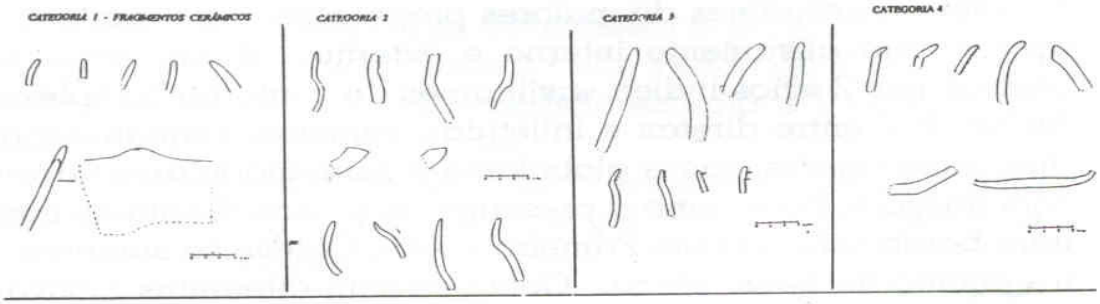
Categoria 3

Reúne quatro sítios, Primeira Ponte e Roça Kayaby I a IV com um total de 74 fragmentos cerâmicos e um artefato polido. Tecnologicamente as peças apresentam

antiplástico de caco moído ou mineral (este último em pequena quantidade). As paredes apresentam espessuras maiores que as observadas nas demais categorias de sítio, com um mínimo de 0,4 e máximo de 1,6 cm, com média de 0,9 cm. Parecem remeter a vasilhames de maiores proporções. Os fragmentos apresentam alisamento interno e externo. A presença de ombros nos 2 sítios indica vasilhames de contorno complexo. As bordas, entre diretas e infletidas, remetem formas variadas, entre tigelas, vasos globulares e semiglobulares, jarros com gargalo, bem como a presença de pratos. Conta-se com uma borda roletada em Primeira Ponte. Obteve-se somente I fragmento de base, plana. Conta-se com diferentes motivos de decoração plástica: ungulado, escovado, ponteado, incisões paralelas ou cruzadas, nas superfícies externas ou sobre o lábio. A decoração pode abranger toda a superfície do fragmento ou apenas parte dele, como é o caso de um fragmento de ombro onde se conta com decoração incisa em uma porção e cerâmica lisa na outra, separados pela linha do ombro. O artefato polido foi coletado no sítio Roça Kayabí, sendo I fragmento de lâmina de machado.

Categoria 4

Reúne 2 sítios, Bebedouro do Gado e Roça do João com um total de 78 fragmentos cerâmicos. Dentre as características tecnológicas destacamos o emprego do antiplástico caco moído, cariapé e mineral, com fragmentos apresentando espessuras de 0,5 a 1,5 cm (média de 0,8cm) com queima variando de completa a incompleta e fragmentos alisados interna e externamente. As bordas entre diretas e infletidas sugerem vasilhames globulares e semiglobulares. Dentre as formas de contorno infletido, possivelmente existam exemplares com gargalo. Somente nesta categoria foram observados lábios planos, embora em pouca quantidade (duas peças). A decoração pode se dar através de peças com engobo vermelho na superfície externa e na interna/ externa, bem como através de diferentes motivos plásticos: ungulado, ponteado e corrugado.



Discutir sobre a Arqueologia do norte mato-grossense ainda é tarefa delicada, não apenas pela restrição dos dados aqui discutidos, mas porque não contamos com outras pesquisas regionais que servissem de referência e contextualização. Neste sentido, a discussão que se segue deverá ser tomada como um primeiro pensar sobre as possibilidades que a área oferece em termos não apenas de quantidade de sítios (no que, de fato, parece ser bastante fértil), mas principalmente em relação às questões arqueológicas que poderão ser investigadas.

Neste sentido, notamos de início que o norte mato-grossense constitui um enorme "vazio" arqueológico, o que representa um entrave para o estudo de diversas

questões mais amplas da ocupação pré-colonial do estado, notadamente as que dizem respeito a possíveis relações mantidas com grupos amazônicos. Uma série de hipóteses vem sendo discutidas por diferentes pesquisadores (Wust 1990; Robrahn-González 1995), referentes a possíveis rotas migratórias e/ou contatos culturais extra-regionais mantidos nexo apenas por grupos do Mato Grosso mas do Brasil Central como um todo, cujo desenvolvimento esbarra na falta de maiores dados para a região do norte do Mato Grosso e Tocantins. Assim, além da realização de pesquisas nestas regiões fornecer material que leve à compreensão de sua própria ocupação pré-colonial, permitirá ir além em problemas mais abrangentes.

De um modo genérico, é possível sugerir que a Categoria de Sítios número dois esteja relacionada aos sítios com material cerâmico enquadrado na tradição Uru, presente em grande parte do Estado de Mato Grosso e norte-oeste de Goiás. A cerâmica descrita para a Categoria 3 parece conter características da enquadrada na tradição Tupiguarani, cujos sítios não são muito abundantes no Brasil Central, embora ocorram esporadicamente. Já a Categoria 1 parece reunir material cerâmico relacionado à tradição Aratu, embora seus sítios nexo tenham sido até o momento identificados no interior do Mato Grosso, dominando mais do Araguaia a leste; sua continuidade ao norte, entretanto, permanece desconhecida. Por fim, a Categoria 4 apresenta uma cerâmica com traços da tradição Uru e Tupiguarani, podendo remeter a uma situação de contato ou a uma nova unidade cultural, ainda não identificada.

Assim, se por um lado às características da cerâmica apresentam certas semelhanças com um quadro mais amplo de ocupação do Brasil Central, sem dúvida o extremo norte do Mato Grosso apresenta um contexto próprio a ser estudado, com significativo potencial na quantidade e diversidade de vestígios arqueológicos presentes.

Diferentes fontes de informação remetem a uma grande riqueza de artefatos polidos na região: para maioria dos sítios cerâmicos identificados conta-se com referências a polidos feitas pelos moradores locais; várias peças foram a nós apresentadas durante os trabalhos de campo, provenientes de toda a região; e, por fim, contamos com dois sítios (Grota da Amizade e Pedra Vestigiada) que apresentam exclusivamente artefatos polidos (no primeiro caso) e amoladores em pedra (no segundo caso).

Embora ainda seja prematuro fornecer uma associação destes polidos, bem como dos dois sítios mencionados, a alguma ocupação específica que se tenha desenvolvido na região, é inegável constatar que certamente exerceram um papel significativo no universo da cultura material, talvez constituindo inclusive informação importante para diferenciar grupos humanos e discutir padrões de abastecimento, entre outros.

Dentre as peças que pudemos observar, destaca-se uma grande variedade de formas e dimensões, bem como das próprias matérias primas empregadas. Nas lâminas de machado, predominam largamente as que apresentam sulco de encabamento, embora em algumas peças esteja ausente. Os gumes variam de formato semicircular a retilíneo. Conta-se ainda com uma esfera polida e gravada e enxós.

Sobre o padrão de assentamento observa-se, a partir das informações orais sobre as manchas prêtas conhecidas, que a densidade de sítios e de material diminui em razão diretamente proporcional à descida do Teles Pires em direção ao Pontal, com significativa elevação do terraço fluvial de aproximadamente 5 a 6 m para 20 a 30m. Regista-se a superposição de ocupações antigas e atuais, onde os ocupantes buscam a fertilidade da terra prêta, da área já desmatada, da existência de atracadouros naturais, etc. Rarifica a ocupação ribeirinha conforme a distância das fontes de recursos urbanos

e da proximidade da área dos isolados, conseqüentemente, das informações sobre os sítios.

A QUESTÃO INDÍGENA

Esta região da Amazônia constitui-se área tradicional dos grupos indígenas Kayabi e mais especificamente no Pontal, do grupo Apiacás. Apiacás é a identidade cultural que a equipe de isolados estima para o grupo arredio cujos indícios são ali encontrados, além de raros contatos fortuitos. A região lhes é propícia pela alternância de matas e área mais interna de alagados e cerrado, pelos buritizais que fornecem palha, pela abundância de peixes, pelos castanhais, etc. Infelizmente, não pudemos chegar à "maloquinha" por motivos alheios à nossa vontade, local por onde perambulam e onde existem abundantes vestígios cerâmicos, onde visávamos fornecer dados para consubstanciar o processo de delimitação e proteção desta área que necessita lhes ser delimitada e protegida. Isolados também existem na área da Usina Hidrelétrica de Apiacás e de forma geral demonstram e reforçam o potencial da região para abordagem de etnoarqueologia e para preservação destas suas culturas, como um dos elementos mais relevantes de nosso patrimônio no que diz à referência cultural e identidade.

Um dos resultados imediatos desta nossa abordagem, arqueológica, foi de que a presença e abundância de sítios, representando culturas das mais antigas às mais recentes, corroboram as informações orais locais e demais documentos e evidências no sentido de "por abaixo a inverdade histórica daqueles que promoveram a limpeza étnica na região centro-norte do Mato Grosso nos anos 70", conforme coloca o historiador Cláudio Conte.[1]

A abundância de vestígios arqueológicos também se evidencia junto à área indígena Mundurucú, reforçando na fundamentação do processo de ampliação da área, cuja latente necessidade nos parece evidente, no sentido de preservar as culturas afetadas. Um traço deste grupo é o forte apego de alguns de seus membros às peças arqueológicas líticas que encontram, reencabam e apreendem de diversas formas. Um exemplo é o de se usar a raspa da lâmina do machado para curar umbigo de neném. Sobretudo são utilizados para ensinar e demonstrar às novas gerações os recursos e a vida dos antigos como um legítimo instrumento de manutenção da memória oral. Esta área está em estudos e poderá sofrer impacto por uma rodovia, cujos levantamentos e obras, deverão garantir a execução de pesquisas arqueológicas prévias no sentido de valorizar a riqueza da região.

IMPACTOS

Além do impacto natural que as fortes e freqüentes chuvas acarretam aos sítios arqueólogos, em sua totalidade, a céu aberto, a região será também afetado pela Hidrovia do Tapajós, que pretende ligar a MT 208 ao Porto de Jacareacanga. O empreendimento tem uma área de influência de 460.000 Km2, onde se deverá garantir a navegabilidade de 720 Km de rio, dragar duas áreas de São Luiz do Baixo Tapajós, fazer derrocados em dois ou três locais isolados, abrir um canal lateral de 36 Km, construir duas eclusas e um terminal hidro-rodoviário em Jacareacanga, além da

[1] Relatório de Viagem de Vistoria arqueológica ao Norte de Mato Grosso - Alta Floresta.(1994, ms, arquivos IPHAN, 18º SR II /MT e i4"CR/BSB).

construção de 340Km de rodovia pavimentada. Seguramente, oficialização e divulgação do elevado potencial cultural, da região reforçam a necessidade legal de realização de trabalhos prévios e concomitantes de pesquisa arqueológica, de forma a garantir a mitigação deste impacto e valorizar o patrimônio, produzindo conhecimento sobre a região, em benefício da comunidade e das próprias empresas evolvidas.

Além destas obras de grande porte, sujeitas ao acompanhamento dos órgãos públicos como FEMA, IPHAN, etc...a região está majoritariamente sujeita às atividades de menor porte ou clandestinas, como desmatamentos para agricultura, retirada seletiva de madeira de lei, mineração e garimpo. Alta Floresta é considerada uma das regiões de maior potencial aurífero e diamantífero de cada uma das regiões do país, explorado quase de forma artesanal por 85% de analfabetos, com alto índice de perda e de impacto ambiental, necessitando regularizar e modernizar suas operações. A área é endêmica de malária e a contaminação das águas do rio por óleo e mercúrio já provocou casos raros de doenças genéticas e desastres ecológicos como a morte de ariranhas e a interrupção e encurralamento dos botos pelo assoreamento do rio, já repleto de cachoeiras e corredeiras.

O garimpo se dá de três formas: através de balsas que dragam o leito dos rios e formam grandes depósitos, assoreando e alterando suas condições de navegação e através das dragas flutuantes e garimpo de "baixão". Estes últimos são responsáveis pelo impacto nos sítios arqueológicos, na medida em que, com a garra escarificante ou com o jato d'água da mangueira, desmontam o sedimento e os barrancos juntamente com tudo que contiver.

Abundantes são os relatos colhidos na região sobre os achados de urnas, potes, tijolos, crânios, ossos, lâminas de machado, peças líticas, restos de fogueiras e até de objetos em madeira, em profundidades sub superficiais de até 5 a 25cm Em parte demonstra o nível de destruição e em parte confirma o dinamismo sedimentar amazônico, o que agrega necessariamente um bom suporte geomorfológico a quaisquer trabalhos a serem efetuados na região.

A abundância de material descontextualizado é também bastante grande nas cidades onde em função, inclusive das obras públicas, os cidadãos possuem caixas e caixas de objetos arqueológicos e paleontológicos, que são guardados em vitrinas ou seguram papeis e portas, se prestam de matéria para artesanato diverso, à compra, venda, troca e até à doação os visitantes. Neste sentido, cadastramos quase uma dezena de colecionadores locais que possuem sob sua guarda provisória, centenas de peças arqueológicas e paleontológicas. Nosso intuito é o de obter informações sobre as peças e seus contextos de origem, o estado de conservação, subsidiar a política de acervo do IPHAN para a área e fomentar a criação de uma estrutura local de guarda e exposição destes bens.

O material paleontológico foi fotografado e encaminhado para este fim, e caso estes fósseis, retirados do leito do rio, não se constituíssem em fonte de comércio, poderia a atividade de garimpo ser considerada como impacto positivo. Desta forma um morador local já obteve a identificação do ancestral de mamute na região (o Haplomastodon sp). Registramos dois sítios paleontológicos subaquáticos e um arqueológico, em depósito de onde os mergulhadores resgatam das águas barrentas, vasilhames cerâmicos inteiros e lâminas de machado, alteradas pelas condições de conservação peculiares do Teles Pires (fato que poderia suscitar interessantes estudos nesta especialidade).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma concluímos, registrando e divulgando o alto potencial arqueológico da região, tanto no que diz respeito à quantidade de sítios, ao porte, estado de conservação e ao universo culturalmente pouco conhecido que representa, sua alta relevância enfim. Consideramos necessário que sejam efetuadas e amadurecidas, ações que visem mitigar a inadvertida, impune e recorrente destruição à qual este patrimônio está submetido. Entre estas podemos sugerir a necessidade de estreita cooperação entre os órgãos de preservação. (visto a impossibilidade de instalação de uma representação regional do IPHAN para atender o "Nortão"); a necessidade de cooperação entre estes órgãos e a SEMA/MT, DNPM e IBAMA e Marinha para acompanhamento das obras de pequeno e grande porte, assim como as irregulares; a necessidade das instituições de ensino e pesquisa locais avaliarem as condições para criação de um núcleo de pesquisas científicas, se possível, formando pessoal local, a necessidade dos arqueólogos se engajarem com temas e locais sujeitos a um forte ritmo de destruição, a necessidade de desenvolvimento de projetos de educação patrimonial, etc...

A comunidade mato-grossense, em amplo espectro, já comprovou por inúmeras iniciativas e reafirmou no âmbito do I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO, estar sensibilizada e cooperativa às ações de preservação e fomento à pesquisa, nos cabe, portanto estarmos atentos às questões do patrimônio arqueológico, especialmente junto às frentes de expansão.

Agradecemos a consultoria de Érika M. Robrahn-Gonzales, a 9° e 14° CR/IPHAN, em especial aos colegas M. Clara Migliácio e Cláudio Conte (ex e atual Diretores de 18 SR II/MT) ao Sr. Secretário de Cultura de Alta Floresta, Agostinho Benizotto e à dedicação de Josimar Rodrigues da Silva, assim como à equipe da frente de contato do Rio Madeirinha, ao Posto Indígena Kayaby e aos índios Kayaby e Mundurucu.

BIBLIOGRAFIA

PARDI. Maria Lúcia Franco. "Preservação e fomento à pesquisa arqueológica. A atuação de IBPC no Mato Grosso". Revista de Arqueologia, São Paulo, 1994. 8(1): 201- 220.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília D.F: Ed. Universidade de Brasília. 1992.

GONZÁLEZ, Érika. "A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central. Origens e desenvolvimento" - tese de doutoramento MAE/USP, 1995 (no prelo).

WUST, Irmhild. ”Continuidade e mudança para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do Rio Vermelho - Mato Grosso” - tese de doutoramento FFLCH/USP, 1990.

VEIGA, Antonio Tadeu Correa. "Mina de Ouro de Novo Planeta, Alta Floresta - MT" Schoobeerhaus C. & Coelho, C.E.S. (Coord). Principais Depósitos minerais do Brasil, V.3. DNPM/CVRD,BSB.